

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
OS MARES DA EUROPA
18 e 24 de Maio de 2021

TO KORITSI ME TA MAVRA / 1956
("A Mulher de Negro")

Um filme de Mihalis Kakogiannis (Michael Cacoyannis)

Realização e argumento: Mihalis Kakogiannis / Direcção de Fotografia: Walter Lassally / Direcção Artística: Thanasis Vengos / Música: Argyris Kounadis / Som: Stavros Apatzoglou / Montagem: Aimilios Provelengios / Interpretação: Ellie Lambeti (Marina), Dimitris Horn (Pavlos), Eleni Zafeiriou (Froso), Stephanos Stratigos (Panagos), Giorgos Foundas (Hristos), Notis Peryalis (Antonis), etc.

Produção: Hermes Film / Produtor: Max Glass / Cópia: digital, preto e branco, falada em grego com legendagem electrónica em português / Duração: 105 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Zorba the Greek (1964) lança uma sombra tão grande sobre o resto da obra de Michael Cacoyannis (1922-2011) que praticamente não se fala de mais filmes dele. Mas **Zorba** foi um filme já com um nível de produção "internacional", inclusivamente com grandes estrelas, e entre as razões para a sua popularidade terão estado também alguns equívocos, deliberados ou acidentais, nomeadamente a atracção exercida pelo "exotismo grego", um país e uma cultura que praticamente não tinham presença no circuito internacional nos anos 60 (sem falar, como é óbvio, da antiguidade grega e da sua mitologia, essa sim, referenciada vezes sem conta). Para chegar ao nível de produção de **Zorba**, Cacoyannis (que, cipriota por nascimento e numa altura em que o Chipre vivia sob domínio britânico, usava duas grafias para o seu nome, a grega, Kakogiannis, e a britânica, Cacoyannis) foi construindo uma reputação, passo a passo, dentro do cinema grego, mas frequentemente em ligação com a Grã-Bretanha, país em que estudou e que se trocou pela Grécia pela impossibilidade de encontrar trabalho na indústria britânica. Mas essa ligação ficou, e em **To Koritsi me ta Mavra** note-se, por exemplo, a presença do grande director de fotografia Walter Lassally, aliás a razão que leva alguns comentadores a aproximar este filme dum eco do "free cinema".

"**A Mulher de Negro**" é um dos filmes mais celebrados desse período pré-Zorba. Rodado na ilha de Hydra, a mesma que uns anos depois Leonard Cohen escolheria para o seu exílio voluntário, é um filme que tira um formidável partido dos décors naturais, seja o brilho do sol e do mar do Mediterrâneo sejam as ruelas, menos luminosas mas muito alvas, da povoação em que tudo se passa. Parece ser um filme de oposições – através do conflito central, o que opõe os intelectuais atenienses que ali se instalam e alguns representantes locais, nomeadamente o pretendente de Marina (Ellie Lambeti), a "mulher de negro", por quem Pavlos (Dimitri Horn), um dos intelectuais, se apaixona. Infelizmente, escaparam-nos, no visionamento, os diálogos, que são proeminentes no filme e não parecem estar lá só para enfeitar (vimos a cópia sem o benefício da legendagem que o espectador terá ao seu dispôr), pelo que dos detalhes narrativos, o do que deles releva para a dramaturgia, não avançaremos grandemente para além dos traços gerais. Insistiremos em questões puramente visuais: o preto e branco, que não são só da fotografia mas são mesmo os elementos mais presentes no trabalho da câmara de Cacoyannis e Lassally, sempre a procurar contrastes, sempre a sugerir uma aura arquetípica no significado desses contrastes (que se mantém, no entanto, dentro do "naturalismo", sem o exagero do sublinhado "significativo", como o provam por exemplo as cenas

de interior, que se diria assentarem acima de tudo num trabalho sobre a luz natural). Como presenças “puramente visuais” ressaltam também os actores, sobretudo o par central, Lambeti e Horn – há neles uma gravidade, um peso da gestualidade, que se verifica a olho nu (e a Wikipedia, sempre inexcedível em trivia, diz-nos que ambos viveram um relacionamento amoroso, e que neste mesmo ano de 1956 Lambeti sofreu um involuntário aborto de um filho de ambos). Quer ela quer ele, dois dos mais reputados actores gregos do período, vinham do teatro, eram profícuos na linguagem dos clássicos mas também na dos modernos – Anouilh, Pirandello, Tennessee Williams (que de, resto, e não será só pelo **Suddenly, Last Summer** de Mankiewicz, é um nome que nos passa pelo espírito durante o visionamento) – e jurar-se-ia que a “gravitas” adquirida aí está cá toda.

Luis Miguel Oliveira

(texto redigido na sequência de um visionamento sem tradução)